

## O TRABALHO: SUA CENTRALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

**José Francisco de Melo Neto**

Universidade Federal da Paraíba

E-mail: meloneto@funape.ufpb.br

### *Resumo*

*Este texto insere-se na discussão atual sobre a problemática do trabalho. Procura mostrar que existe, ainda, uma mistura teórica ao identificar-se trabalho com emprego, quando se esquece de que trabalho é uma relação filosófica do humano com a natureza, enquanto que emprego é uma mera relação funcional na vida das pessoas. O trabalho, sendo uma relação humana com a natureza, é caracterizado, dialeticamente, como expressão de humanização da natureza enquanto que, também, se constitui como um processo de naturalização do humano. Finalmente, apresenta uma perspectiva teórica do trabalho como uma questão que se mantém no centro do debate paradigmático, nos dias de hoje.*

Palavras-chave: Trabalho. Emprego. Humanização. Centralidade. Processo.

Esta é uma questão que vem sendo apresentada de forma muito confusa, sendo, além disso, bastante complexa. Afinal, de que centro e de que mundo se está falando? Que tipo de trabalho? Por outro lado, a temporalidade das questões e mesmo das soluções que esse debate gere pode durar poucos dias. Em pouco tempo, questões, soluções políticas e tudo o que se disser pode estar mudado. Mesmo assim, este é um tema tanto palpitante como movediço. Tudo o que se afirma está, cada vez mais, provisório.

Apesar dessas considerações, enfim, o que está acontecendo? Diante do debate que se trava em torno da problemática *trabalho* e sua *centralidade*, uma certeza é cristalina: *a continuar com a conformação que ora se estabelece mundialmente e se cristalizando esse tipo de desenvolvimento, a vida dos trabalhadores caminha para piorar*. Outra verdade é que as transformações que se processam no mundo são surpreendentes. O que ocorreu nesses últimos vinte anos apresentou-se como humanamente impossível de predição. Há pouco tempo, fazia-se previsão para quinze, dez, cinco anos... Atualmente, previsões conjunturais realizadas para quinze dias são discutíveis. Qualquer previsão com esse prazo traz, em si mesma, a marca da ousadia. Houve crise da bolsa mexicana, do petróleo, da queda do muro de Berlim, das bolsas asiáticas, brasileira, russa, argentina e nada de previsão. Vive-se na crise até hoje, mesmo que o discurso apontasse para a sua superação, desde a década de oitenta.

A constatação, contudo, do ponto de vista ideológico, é que foram transformações que se encaminharam rumo ao conservadorismo político. Acrescentem-se ainda as formulações de um certo irracionalismo que vem se denominando de pós-moderno.

Do ponto de vista das idéias, vive-se diante de um grande retrocesso. Neste início de milênio, há uma busca por um “salve-se” em qualquer formulação ou teoria. O que está ocorrendo é um encontro de elementos cada vez mais precários. As opções surgidas, no campo do trabalho, como o toyotismo, não têm mais o mesmo empolgação de seu início. Parece que o que se apresenta é uma mesclagem profunda de vários estilos de produção, ocorrendo com muita velocidade. Isso tudo pode suscitar a questão: *será que não está surgindo um novo estilo de modo de produção?* (2).

Entretanto, se isto se torna possível, não significa a passagem para o socialismo. A superação pode ser a do capital, mas isso não está claro. Está-se apresentando muito mais como período de transição; uma transição que está levando ao aumento da *exclusão*, ao ponto de jogar a África e regiões da América Latina fora do processo, impondo condições de vida piores do que as de épocas pré-históricas.

Há uma capacidade de destruição do capital e da humanidade, mesmo que possam apresentar-se tendências construtivas. Ora, nesse processo, há a destruição da própria burguesia, considerando sua existência condicionada à existência da classe que lhe é antagônica: o proletariado.

Por outro lado, há uma queda na própria cultura da classe burguesa, sofrendo também sua destruição cultural. É patente a ausência de teoria nas formulações apresentadas pela burguesia americana e européia, presas, única e exclusivamente, à perspectiva da lucratividade, imergindo sob essa exigência os próprios estados considerados periféricos. Nessa situação, encontram-se a África, Ásia, grande parte da Europa, como também a maior parte da América, tendo-se no Brasil um exemplo clássico da impossibilidade de se “honrar” os compromissos com seus credores internacionais. A dívida brasileira foi rolada para frente em trinta anos, obrigando o país ao pagamento dos juros. Mas, até mesmo o pagamento desses juros tem gerado uma forte pressão sobre as condições sociais do país. Outro exemplo grave é o da Rússia que, de forma explícita, comunicou a sua impossibilidade de pagamento da dívida, decretando moratória e, ainda mais recente, os casos do México e da Argentina.

Esse é um processo destrutivo para a própria burguesia, embora a sua devastação seja muito maior sobre o proletariado. É um processo destrutivo do operariado no estilo antigo, mas que, por sua vez, abre novos tipos de trabalho, constituindo-se como um processo de transição que vem modificando profundamente as relações capital/trabalho.

Esse processo dialético destrutivo nem sempre se apresenta com a sua necessária dimensão construtiva, ou seja, com a possibilidade de algo novo ou gerador de possibilidades melhores de se viver. Diante desse cenário, duas questões, pelo menos, tornam-se presentes: É o operariado ou a classe trabalhadora o segmento da frente do processo de libertação humana? O trabalho ainda se apresenta como central, no processo de transformação social? A resposta à primeira questão vincula-se aos processos de construção e destruição da classe. Parece que novos movimentos sociais arrastam também, novas definições dessa classe trabalhadora. Somem-se, ainda, dificuldades existentes no campo da esquerda em que, praticamente, se tornou consenso nela mesma, bem como entre conservadores, liberais e estalinistas que o que se passava na URSS era a realização do socialismo/comunismo.

A burguesia internacional utilizara-se, inclusive, dessa possibilidade socialista, apresentando-a como o exemplo de sociedade alternativa ao capitalismo. Entretanto, ocorria algo diferente no mundo, considerando a expropriação da propriedade privada, ferindo frontalmente uma das bases do capitalismo, mas que, muito de longe, espelhou o socialismo preconizado pela visão marxista. Talvez não se pudesse denominar de capitalismo de Estado, visto que se transformara num exemplo forte de não alternativa ao capitalismo, considerando a negação à democracia e, particularmente, à liberdade do indivíduo.

Por outro lado, nunca houve uma queda tão rápida e imprevisível como a do império soviético. Uma crise de tal envergadura que, como se apresenta, nem o capitalismo teve ou está tendo maior vantagem econômica. O capitalismo que se estabelece nesses países é o de pior estilo dos existentes - o “capitalismo ganguesterizado”. Contudo, abriu a possibilidade de o capitalismo ser apresentado com grande impacto, *como a alternativa única para se viver*. Como consequência desse impacto, é propalado o discurso de que a centralidade do trabalho desapareceu, observando também que “o socialismo morreu”.

Pode-se aceitar, muitas vezes, o questionamento em torno da centralidade do trabalho do ponto de vista sociológico ou relativa ao cotidiano. Pode-se questionar a centralidade do

trabalho no próprio campo do trabalho assalariado, como Claus Offe o coloca, do ponto de vista do emprego propriamente dito. O desaparecimento do emprego torna-se a marca da evolução desse atual estágio do capitalismo, considerando os avanços das técnicas. Mas, estará sendo questionada a centralidade ontológica do trabalho como fundante do ser humano? O trabalho centrado no ser humano, na perspectiva gramsciana e lukacsiana e mesmo em Marx, continua presente em todas as formas de trabalho, enquanto se expresse como condição de construção e realização de o homem tornar-se humano pelo trabalho – o trabalho como expressão da relação entre o humano e a natureza, em cujo relacionamento o humano materializa-se porque está cheio da natureza, pois esta humaniza-se como recorrência da expressão desse trabalho humano sobre si mesma.

Marx funda, dessa forma, uma nova concepção de mundo – sua ontologia – uma visão mais global do mundo. Os homens fazem a sua história como contraponto à concepção hegeliana de história. Esta visão apresenta-a como algo radical do humano. Não é o *espírito absoluto* que a constrói para o homem. Ele é o próprio agente dessa história através do trabalho.

Os homens constroem a sua própria história. Fazem-no de duas formas, pelo menos: a primeira ocorre na medida em que ele transforma a natureza para o mundo dos homens; a segunda forma é que essa transformação, que se dá pelo trabalho, não é atividade individual ou de um só indivíduo, mas é social e coletiva. Uma mesa é um ente de natureza transformada. A natureza, por si mesma, não a construiria. O processo de construção das coisas é algo social. É expressão do ser humano; é expressão de uma nova esfera ontológica.

Essa dimensão está presente na criação de novas fórmulas químicas, de novas situações de natureza desenvolvidas nos estudos teóricos da física, nas formulações abstratas de fórmulas deduzidas por matemáticos, nas linguagens computacionais ou em novos “softwares”, no trabalho braçal etc. Todas essas possibilidades, sem exceção, expressam a dimensão ontológica do ser humano e marcam a presença do humano nesses entes criados ou transformados. Constituem-se, por sua vez, na esfera ontológica desenvolvida por Marx, cuja articulação só ocorre através do trabalho. É, por isso, que o trabalho é categoria fundamental.

Os homens edificam, dessa forma, o mundo objetivo na consciência. Isso só acontece nesse nível, mesmo sem se tornar mera idealização. E não o é enquanto se coloca uma existência anterior à consciência, sendo esta determinada pela existência. Ela expressa, na visão marxista, uma necessidade que lhe é posta. Toda idéia nova, portanto, sempre se coloca a posteriori da existência. Toda vez que se objetiva uma idéia, também se cria nova situação histórica. E mais, nunca é igual à nova idéia. A decisão de que o amanhã seja igual ao dia de hoje, por exemplo, já carrega uma impossibilidade de realização, pois o hoje não teve como partida uma decisão.

A condição do trabalho, como elemento central na vida humana, não parece questionada nesse nível. Pelo contrário, é impossível de não ser, entendendo que sem trabalho não há riqueza nem humanização. As transformações no mundo do trabalho, hoje, só reforçam essa centralidade(3). As transformações que ora ocorrem não superaram a produção, nem eliminaram o trabalho. Sendo o homem o demiurgo de sua história, então, esta base é o próprio trabalho.

Outras categorias podem estar em questionamento, como o emprego, a profissão que não caracterizará mais o indivíduo (a sua perda o remeterá para outra profissão, imediatamente), a configuração de classe social, a centralidade política do trabalho, ou mesmo a perspectiva sociológica do trabalho. No escravismo, já se tinha o trabalho como fundante e, até hoje, a evolução da sociedade não vem fornecendo elementos de questionamentos(4) convincentes para a superação dessa categoria teórica enquanto questão ontológica (base do velho Marx).

**NOTAS:**

1. Texto elaborado, inicialmente, para discussão interna no TEDUC – Grupo de Pesquisa em Trabalho e Educação – vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da UFPB, Campus I, João Pessoa/PB.
2. Questão que vem sendo levantada pelo Prof. Sérgio Lessa (UFAL), apresentada no Simpósio sobre a *Centralidade do Trabalho no Mundo Contemporâneo*, promovido pelo Curso de Mestrado em Economia Rural, no Campus II da UFPB, Campina Grande, em set/1998.
3. Não se pretende, aqui, reduzir a vida humana ao trabalho. Há outras categorias que compõem a vida do indivíduo. O trabalho não é a única atividade humana. Há, inclusive, mediações internas na sua realização que o submetem para além da categoria fundante. Criam-se, por outro lado, necessidades novas com a realização do trabalho. As transformações, contudo, ocorrem pelo trabalho.
4. Habermas questiona o trabalho, através da fenomenologia, a partir de sua *teoria da ação comunicativa*.